

## Hora do turbilhão: O Recreio como possibilidade emancipatória na escola

---

Pensar e praticar o (s) tempo (s) e espaço(s) escolar (es) como contextos inspiradores de uma escola pública favorável à aprendizagem dos alunos e alunas dos setores populares, vem implicando numa *escuta sensível* (Barbier,1992) e numa *compreensão ativa* (Bakhtin,1994) do cotidiano escolar como locus privilegiado da transição paradigmática do conhecimento-regulação para o conhecimento-emancipação (Santos,2000).

A minha trajetória de professora-pesquisadora no cotidiano da escola onde realizo a minha *investigação-cúmplice*(1) (Garcia,2001), vem sinalizando a possibilidade de compreensão do cotidiano escolar como espaço(s) ? tempo(s) de aprendizagem-ensinagem de um *paradigma de conhecimento prudente para uma vida decente*, como nos ensina Santos (2000).

Para exemplificar o que venho compreendendo no cotidiano da escola sujeito de minhas investigações, trarei para o centro de nossas reflexões, um recreio ocorrido no turno da manhã, logo nos primeiros meses do ano letivo:

27 de maio de 2002, 10 horas, toca o sinal do recreio na escola municipal Prefeito Nicanor Ferreira Nunes, bairro Jardim Catarina, periferia da cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Focalizo o corredor da escola, ele ferve, pulsa como um coração taquicárdico. Aproximo o zoom da minha máquina fotográfica imaginária e aperto o disparador.

### Foto 1

Meninos e meninas em disparada, empurra daqui, empurra dali, todos parecem ser de borracha, pois caem, levantam, tornam a cair sem aparentes machucados. Outros tantos se empurram na fila do refeitório, também disputando o território do corredor. Alguns correm nas salas de aula, derrubam as carteiras, fecham a porta da sala para desespero da inspetora (lenta como um tempo sem relógio).

Nos jogos de forças presente nos tempos e espaço escolares, o recreio é o campo de luta das crianças. Tempo-espaço que, de modo geral, cabe aos estudantes administrar, menos regulado pela lógica dos adultos: *Fingem que não sabem de nada, porque não ficaria bem. Estes são os nossos dez minutos. E para defendê-los viramos rio, tufão, elementos da natureza* (Korczak,1981:61).

### Foto 2

Duas crianças diferentemente das outras não correm, não pulam, não se empurram... sentadas no chão do corredor, com um caderno velho e amassado, cotocos de lápis na mão brincam de fazer o dever.

A menina ( de nome Joeli, tem onze anos ) e o menino ( de nome Moisés, com sete anos) são irmãos. Ambos são negros e muito pobres, como quase todos os estudantes dessa escola. Essas crianças fazem parte da *família Barbosa*, que constitui um retrato típico das famílias das classes populares urbanas, cujos filhos vem conquistando recentemente o *direito à escola*.

Ali no recreio, por iniciativa pessoal, Joeli ensinava o que sabia a Moisés... *A memória do futuro* inscrita no agir das crianças pode ser reveladora de lutas microbianas travadas pelos ?pequenos? no sentido de escaparem das armadilhas, que delegam às suas histórias de vida, a matéria-prima conformadora de seus destinos.

Porém, quando compreendemos o cotidiano escolar como lugar dos *multipossíveis*, espaço-tempo da *complexidade*, o recreio pode ser lugar do dever, e também prazer de *junto aprender* ( condição indispensável a qualquer aprendizagem humana ), e que , a sala de aula pode ser lugar do *prazer aprender*. As fotos aqui reveladas de memórias, trazem micro-histórias da escola *nossa de cada dia*. Histórias que tecidas na complexidade e na multiplicidade do cotidiano escolar, nos provocam o *pensar/praticar* o (s) tempo (s) e espaço (s) escolar (es) como contextos privilegiados para a aventura ética, estética e política do conhecer.

(1) Trata-se de nossa pesquisa de Doutorado *Os pequenos e a cidade:a centralidade da cidade de São Gonçalo na alfabetização das crianças das classes populares*, realizada na escola municipal Prefeito Nicanor Ferreira Nunes.

#### Referências bibliográficas:

- GARCIA, R L (2001). *Para quem pesquisamos ? para quem escrevemos .O impasse dos intelectuais*. São Paulo, Cortez
- BAKHTIN, M (1994). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes

- **BARBIER, R. (1992). *A escuta sensível em educação*. Caxambu, Revista da ANPED.**
- **KORCZAR, J. (1981). *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo, Loyola.**
- **SANTOS, Boaventura de Souza (2000). *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. Porto, Afrontamento.**